

**A África de Maya Angelou: identidade diaspórica
em *All God's children need traveling shoes***

***Maya Angelou's Africa: diasporic identity
in All God's children need traveling shoes***

Maria Aparecida Andrade Salgueiro

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro / Brasil
cidasal3@gmail.com

Felipe Fanuel Xavier Rodrigues

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro / Brasil
ffanuel@gmail.com

Resumo: O presente artigo objetiva revisar a jornada de Maya Angelou em terras africanas, mediante a releitura crítica de sua narrativa autobiográfica relativa ao período em que viveu em Gana. Partindo de uma perspectiva ampla de análise cultural, o estudo se atenta para a busca identitária da autora afro-americana em sua relação com a África e seus significados. As características da escrita de Angelou são investigadas em paralelo com os temas que motivam sua obra, com o intuito de distinguir sua apropriação do gênero autobiográfico. Sua identidade como sujeito negro diaspórico, que narra suas próprias experiências vividas para além dos históricos limites do colonialismo, revela uma herança africana única que encontra na imaginação criativa um meio de luta cultural.

Palavras-chave: África; Maya Angelou; Identidade afro-americana.

Abstract: This article aims to reappraise Maya Angelou's journey on African soil, through the critical reading of her autobiographical narrative about the period in which she lived in Ghana. From a broad perspective

of cultural analysis, this study directs attention to the quest for identity of this African-American author in her relationship with Africa and its meanings. The characteristics of Angelou's writing are investigated in parallel with the themes that motivate her work, in order to distinguish her appropriation of the autobiographical genre. Her identity as a black diasporic subject, who recounts her own experiences beyond the historical limits of colonialism, reveals a unique African heritage which finds its means of cultural struggle in creative imagination.

Keywords: Africa; Maya Angelou; African-American identity.

Recebido em 29 de outubro de 2015

Aprovado em 19 de fevereiro de 2016

Now she is rising
remember her pain
remember the losses
her screams loud and vain
remember her riches
her history slain
now she is striding
although she had lain.¹

Conhecida por sua criação autobiográfica, por meio da qual logrou um espaço proeminente na literatura de seu país,² a autora estadunidense Maya Angelou (1928-2014) possui uma trajetória de vida tão fértil que as descrições de sua biografia vão sempre enfatizar a variedade de seus talentos artísticos; poeta, dramata, produtora, cantora, dançarina e educadora ilustram alguns dos recorrentes substantivos que qualificam sua carreira. Em virtude de suas múltiplas habilidades, a popular escritora tende a ser aclamada como uma “mulher versátil” (*Renaissance woman*),³ mesmo que haja quem associe o crescimento da popularidade de suas

¹ ANGELOU. Africa. *The complete collected poems of Maya Angelou*, p. 84.

² LUPTON. *Maya Angelou: A critical companion*, p. 1.

³ THURSBY. *Critical companion to Maya Angelou: a literary reference to her life and work*, p. 3.

obras ao declínio de sua reputação crítica.⁴ De caráter também diverso, sua literatura é composta por poemas, ensaios, livros infantis, peças e, sobretudo, autobiografias. São seis as suas principais publicações autobiográficas em série, cada uma das quais narra um período de sua vida na sequência que vai de 1931 a 1968.

Em seu quinto escrito autobiográfico, *All God's Children Need Traveling Shoes* (2004 [1986]), Maya Angelou relata suas experiências na África, vividas especialmente durante um período em Gana. Esse volume é usualmente aceito como representativo de parte do processo de autodescoberta da autora,⁵ visto que sua passagem pelas terras ganenses contribuiu para a compreensão de sua africanidade,⁶ ensejando-lhe reflexão e amadurecimento.⁷ Ao responder por que decidiu escrever um livro acerca desse período, a autora faz referência à necessidade humana de encontrar um lar, revelando o seu intento de considerar o sentimento humano que anseia por pertencimento.⁸ Lançando mão deste *leitmotiv*, Angelou produz uma nova forma autobiográfica, caracterizada como “forma episódica” (*episodic form*), o que, em seu entender, significa narrar a história da África por meio de episódios e cenas.⁹ O presente artigo se dispõe a mapear o processo de busca identitária da autora cujo cânon já fora estudado como “narrativas de identidade libertadora” (*narratives of liberatory identity*)¹⁰ – precisamente no curso de sua jornada em solo africano –, bem como a registrar as representações da África em sua obra. Atenta-se, ainda, para alguns aspectos formais e conceituais de sua produção literária a fim de traçar as características do desenvolvimento do gênero autobiográfico em suas mãos.

Em razão de seu forte caráter identitário, a escrita de mulheres afrodescendentes é considerada um reflexo da preocupação contemporânea de “busca de individualidade” (*quest for selfhood*), que, no caso

⁴ WALL. Maya Angelou, p. 946.

⁵ SAUNDERS. *Breaking out of the cage: the autobiographical writings of Maya Angelou*, p. 12.

⁶ WALL. *Maya Angelou*, p. 945.

⁷ THURSBY. *Critical companion to Maya Angelou*, p. 135.

⁸ *Apud* ELLIOT (ed.). *Conversations with Maya Angelou*, p. 157.

⁹ *Apud* MCPHERSON. *Order out of chaos: the autobiographical works of Maya Angelou*, p. 142.

¹⁰ TRAYLOR. *Maya Angelou writing life, inventing literary genre*, p. 99.

dessas escritoras, possui fortes implicações políticas.¹¹ Engajadas na contemporaneidade, essas vozes literárias compartilham de um passado comum, no qual escravidão, diáspora e discriminação racial e de gênero se entrecruzam.¹²

Examinar narrativas sobre a África produzidas por uma escritora afrodescendente demanda reflexão no que tange ao contexto histórico e cultural de quem escreve. Por se tratar de um texto da lavra de uma autora afro-americana, deve-se contextualizar seu trabalho literário como uma escrita de um sujeito na diáspora, neste caso, o Novo Mundo. Paul Gilroy descreve as formas culturais produzidas por sujeitos negros diaspóricos como “estereofônicas, bilíngues ou bifocais”.¹³ Com isso, faz referência ao que denomina “mundo do Atlântico negro” (*black Atlantic world*), ecoando Robert Farris Thompson,¹⁴ que cunhou o termo em seu célebre estudo sobre arte e filosofia de origem africana. A fusão de tradições africanas a novos elementos nas Américas produziu formas culturais que fariam surgir no Atlântico um verdadeiro mundo atlântico negro. É precisamente dentro de tal contexto cultural amplo que Angelou traduz suas aventuras em arte escrita.

De uma “perspectiva transnacional e intercultural”,¹⁵ as reflexões autobiográficas de Angelou a respeito de suas experiências no continente africano contribuem para o estudo das imagens da África e seu significado na formação de identidades negras, fugindo ao risco de se assumir um ponto de vista essencialista. Stuart Hall ressalva que o próprio termo “África” constitui “uma construção moderna, que se refere a uma variedade de povos, tribos, culturas e línguas cujo principal ponto de origem comum situava-se no tráfico de escravos”.¹⁶ As histórias de uma afro-americana na África, vivendo uma diáspora reversa, desafia essa construção generalista.

¹¹ SALGUEIRO. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas* – Estados Unidos e Brasil, p. 47.

¹² GOMES. “Visíveis e invisíveis grades”: vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea.

¹³ GILROY. *The black Atlantic: modernity and double consciousness*, p. 3.

¹⁴ THOMPSON. *Flash of the spirit: African & Afro-American art & philosophy*.

¹⁵ GILROY. *The black Atlantic*, p. 15.

¹⁶ HALL. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 30s.

À procura de um lar

Após haver residido no Cairo por cerca de dois anos, Angelou desembarcou no país africano com seu filho Guy, tendo em vista inscrevê-lo na Universidade de Gana em Acra. Planejava a permanência por duas semanas, após as quais seguiria viagem rumo à Libéria, onde assumiria um trabalho no Departamento de Informações daquele país. Na bagagem do deslocamento do Egito para Gana, havia memórias do bom desempenho de Guy na escola e sua destreza para línguas, o que lhe dava a segurança de que seu filho seria capaz de cuidar de si; de sua parte, ela recordava o trabalho bem-sucedido como jornalista na capital egípcia, mas também a tristeza de um casamento desfeito. Entretanto, a esperança de outra aventura relegava o choro ao passado ao passo que o futuro estava repleto de promessas.

Os dois primeiros dias foram marcados por um significativo sentimento de alegria pelas ruas de Gana: “Durante dois dias, Guy e eu rimos. Olhávamos para as ruas de Gana e ríamos. Ouvíamos as línguas melodiosas e ríamos. Olhávamos um para o outro e gargalhávamos”.¹⁷ A primeira percepção desta parte da África é marcada pela espontaneidade do gesto de sorrir, que se conjuga muito bem com as aspirações da nova vida que se inicia. No dia seguinte, porém, seu filho se acidentou em uma colisão após um agradável passeio com amigos. O incidente ocasionou-lhe um desconforto insuportável. Não encontrou alívio em saber que Guy estava sob os cuidados de médicos e enfermeiros africanos, tampouco na assistência que recebeu dos expatriados afro-americanos. O brilho do ambiente africano se perde na descrição que ela faz de suas condições naquela ocasião: “Eu me tornei uma sombra ambulante pelas ruas brancas escaldantes e um espectro sombrio no hospital.”¹⁸ A resignação de seu filho, apesar de estar com a maior parte do corpo engessada, agravou seu sofrimento. O risco de ele morrer ou ficar paralítico aos dezessete anos era uma ameaça real, que poderia significar a perda da família, pois ambos tinham sido o lar um do outro desde o nascimento dele. Com a

¹⁷ “For two days Guy and I laughed. We looked at the Ghanaian streets and laughed. We listened to the melodious languages and laughed. We looked at each other and laughed out loud.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 889. Todas as traduções, exceto quando indicado em contrário, são dos autores deste artigo.

¹⁸ “I became a shadow walking in the white hot streets, and a dark spectre in the hospital.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 890.

recuperação de Guy, em vez de ir para a Libéria, ela aceitou um emprego administrativo na Universidade de Gana.

Assim, em meio a alegrias e sofrimentos, aos trinta e três anos, Angelou iniciou uma nova jornada no país que lhe acolhera. Neste novo contexto, pela primeira vez, a discriminação devido à cor da pele não era um problema e ela era aceita como “normal”. Ao se juntar à comunidade de imigrantes afro-americanos, Angelou se sentiu em casa, não apenas por se tornar parte de um talentoso grupo a que ela atribuiu a alcunha de “Repatriados Revolucionários” (*Revolutionist Returnees*), mas também por se identificar com os anseios dos novos amigos que buscavam aceitação na África. O grupo não discutia os problemas estruturais da vida em Acra, muito menos o fato de serem negligenciados pelos ganenses, antes, estavam certos de terem encontrado um lar: “Havíamos voltado para casa, e se a casa não era bem o que esperávamos, não nos importamos, a necessidade de pertença nos permitiu ignorar o óbvio e criar lugares reais ou até lugares ilusórios, condizentes com a nossa imaginação.”¹⁹

Símbolo de origens perdidas em consequência da escravidão, a África se mantém como mito formador de identidades de afrodescendentes que retornam à terra que um dia fora o lar de seus ancestrais. O mito do retorno à casa africana é fundamental a sujeitos que buscam o pertencimento social. Para além das limitações óbvias, em seu imaginário, a vivência na África possibilita a criação de lugares significativos, sejam reais, sejam ilusórios.

Com isso, identifica-se o método poético a que Angelou lança mão na produção de sua narrativa. O gesto de criar lugares reais ou ilusórios em Gana reflete tanto a forma da escrita da autora como a sua concepção poética da vida. Em entrevista em 1973, quando seu trabalho criativo já era aclamado em virtude de *I Know Why the Caged Bird Sings* (1969), seu primeiro fascículo autobiográfico, Angelou declarou: “O que eu estou tentando ser é uma poeta. Não apenas com o meu trabalho, mas com a minha vida. Penso que seja possível levar uma vida poética.”²⁰

¹⁹ “We had come home, and if home was not what we had expected, never mind, our need for belonging allowed us to ignore the obvious and to create real places or even illusory places, befitting our imagination.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 901.

²⁰ “What I’m trying to be is a poet. Not just with my work, but with my life. I think it’s possible to lead a poetic life.” *Apud* ELLIOT (ed.). *Conversations with Maya Angelou*, p. 13.

O conceito de levar uma vida poética ressoa o “viver poeticamente” de Søren Kierkegaard, que está relacionado ao ser livre.²¹ O paralelo com a liberdade poética existencialista se justifica quando Angelou localiza a poesia na própria vida, revelando, deste modo, o gênero poético da matéria-prima de sua arte.

Mediante o olhar de quem tenta ser uma poeta na vida e na escrita, a África apresenta uma miríade de imagens traduzidas em linguagem poética. O título da obra que narra seus dois anos em Gana está grávido de poesia, sendo proveniente de um *spiritual* cantado em igrejas nos Estados Unidos, cuja letra diz: “Eu tenho sapatos, você tem sapatos, todos os filhos de Deus têm sapatos”.²² A ênfase do hino está na caminhada para o céu, e os sapatos simbolizam o movimento em direção a algo melhor do que a realidade, ou, antes, a um lugar poético e fora do tempo, o qual havia sido sonhado por gerações. Angelou explica sua reverência (*adoration*) por esta Terra Prometida:

Havia uma justificativa óbvia para os meus sentimentos amorosos. Nosso povo sempre ansiou por casa. Durante séculos, havíamos cantado sobre um lugar não construído por mãos, onde as ruas eram pavimentadas com ouro, e lavadas com mel e leite. Lá os santos marchariam ao redor trajando vestes brancas e coroas de joias. Lá, finalmente, não mais estudariamos a guerra e, o mais importante, ninguém faria guerra contra nós novamente.²³

No imaginário afrodescendente, a África é percebida como representação deste lugar que fora esperado como uma morada divina e cantado em *spirituals* como um lugar não construído por mãos humanas, com ruas de ouro, abundantes em leite e mel, pelas quais os santos marcham vestidos de mantos brancos e coroas adornadas com joias.

²¹ KIERKEGAARD. *O conceito de ironia*: constantemente referido a Sócrates, p. 242.

²² “I’ve got shoes, you’ve got shoes, all God’s children got shoes.” THURSBY. *Critical companion to Maya Angelou*, p. 135.

²³ “There was an obvious justification for my amorous feelings. Our people had always longed for home. For centuries we had sung about a place not built with hands, where the streets were paved with gold, and were washed with honey and milk. There the saints would march around wearing white robes and jeweled crowns. There, at last, we would study war no more and, more important, no one would wage war against us again.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 902.

Nesse destino paradisíaco, não haveria mais guerra contra os negros, cumprindo-se, enfim, a promessa de um céu, pela qual ansiavam aqueles que acreditavam em um benfazejo porvir: “no anseio, céu e África estavam inextrincavelmente combinados”.²⁴

Ao discorrer sobre sua experiência em Gana, Angelou segue o mesmo método poético da descrição do contexto africano. Sua narrativa adota, pois, um tom estético, haja vista a conotação da palavra grega *aisthétikós*, da qual derivam conceitos fundamentais para a crítica na história da arte: “relativo a sentimento ou percepção sensorial”;²⁵ bem como os dois sentidos contidos no termo *aísthesis*, presente nas históricas reflexões filosóficas acerca da sensação e da percepção: “faculdade de sentir: sensibilidade” e “ato de sentir: sensação”.²⁶ O continente ancestral e seus habitantes são apreendidos por meio da sensibilidade poética, que recorre aos sentidos para retratar imagens, sabores, sensações, sons e, sobretudo, memórias:

[...] Fui capturada pelo povo de Gana. Suas peles eram as cores dos meus desejos de infância: manteiga de amendoim, alcaçuz, chocolate e caramelo. A risada deles era a mesma de casa, rápida e sem artificios. O andar ereto e gracioso das mulheres recordou minha avó do Arkansas, com seu chapéu de domingo, a caminho da igreja. Ouvia os homens conversarem e, mesmo sem entender o que diziam, percebia uma melodia tão familiar quanto torta de batata-doce, fazendo-me lembrar do meu tio Tommy Baxter em Santa Monica, Califórnia. Assim, eu havia, enfim, voltado para casa. A filha pródiga, desgarrada, roubada ou vendida da terra dos seus pais, depois de haver esbanjado os presentes da mãe e haver se deitado em sarjetas cruéis, havia afinal ressurgido e se dirigido de volta aos braços acolhedores da família onde ela seria banhada, vestida com trajes finos e se sentaria à mesa acolhedora.²⁷

²⁴ “In the yearning, heaven and Africa were inextricably combined.” Idem.

²⁵ PREZIOSI. *The art of art history: a critical anthology*, p. 576.

²⁶ GOBRY. *Vocabulário grego da filosofia*, p. 13.

²⁷ “[...] I was captured by the Ghanaian people. Their skins were the colors of my childhood cravings: peanut butter, licorice, chocolate and caramel. Theirs was the laughter of home, quick and without artifice. The erect and graceful walk of the women reminded me of my Arkansas grandmother, Sunday-hatted, on her way to church. I

All God's Children Need Traveling Shoes é um conto de uma odisseia: a história de uma filha que fora arrancada da terra de seus ancestrais, mas que foi capaz de fazer a travessia de volta. O paralelo com a parábola do filho pródigo manifesta o caráter alegórico do retorno à África: não se trata de um julgamento do passado, seja ele qual for, mas de um ciclo que se completa com os braços abertos de uma terra que acolhe a filha que regressa. Dessa forma, o tempo é mítico, porquanto o passado de sofrimento em razão da escravidão e do racismo é interpretado por via das expectativas presentes de acolhimento na terra em que um dia seus antepassados residiram.

Reflexões sobre a identidade diaspórica

No entanto, a comunidade de aproximadamente duzentos afro-americanos que desembarcaram em Acra ressentia o fato de não terem produzido um impacto entre os ganenses. Pelo contrário, a chegada dos negros americanos não foi sequer notada pelas pessoas locais. A ausência das calorosas boas-vindas a quem voltava para casa e esperava a mais ampla aceitação frustrou as expectativas dos novos imigrantes. Desejavase não menos que um abraço e os parabéns por terem sobrevivido ou um agradecimento por terem retornado.

O tratamento que Angelou recebeu por parte de uma recepcionista no escritório da Ghana Broadcasting ocasionou-lhe uma percepção negativa da África. Após se dirigir à funcionária, descrita como bonita e vestida com roupas ocidentais, Angelou não obtém a informação que desejava, isto é, o nome da pessoa que contrata escritores. Percebendo o descaso daquela que “sabia como ser um felino quando eu era um pássaro ferido”,²⁸ a autora dispara: “Sua imbecil, você pode parar de me

listened to men talk and whether or not I understood their meanings, there was a melody as familiar as sweet potato pie, reminding me of my Uncle Tommy Baxter in Santa Monica, California. So I had finally come home. The prodigal child, having strayed, been stolen or sold from the land of her fathers, having squandered her mother's gifts and having laid down in cruel gutters, had at last arisen and directed herself back to the welcoming arms of the family where she would be bathed, clothed with fine raiment and seated at the welcoming table.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 903.

²⁸ “knew herself to be a cat and I was a wounded bird”. ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 913.

encher o saco e ir direto para o inferno”.²⁹ A essa reação mordaz, sucede uma ofensa aos afro-americanos: “Os negros americanos são sempre grosseiros”.³⁰ No final desse embate verbal, Angelou descobriu uma nova face da África e de si mesma. As características físicas da recepcionista africana não impediram Angelou de tratá-la como se estivesse reagindo a uma atendente branca em uma loja nos Estados Unidos. O desprezo da mulher ganense manifestou questionamentos quanto à complacência da África no processo de escravidão de seus ancestrais, que tiveram o azar de serem pegos e vendidos como bestas. Assim, Angelou revive a experiência traumática do racismo em Gana ao associar o desdém de uma possível parente distante com o antagonismo de brancos no país em que nasceu. Assalta-lhe o receio de que o massacre de negros nas cidades estadunidenses tivesse uma justificativa histórica, cujas raízes ela localizaria na África. A inquietação se esvai com uma demonstração de confiança: “Eu não iria admitir que se eu não conseguisse ficar confortável na África, eu não teria outro lugar para ir”.³¹ A narrativa de Angelou ressalta, portanto, o caráter negativo de sua experiência, observado na profundidade de sua crise identitária, mas também afirma a resiliência de um *self* em luta que, por pior que seja seu sofrimento, não se submete à destruição.

Em Gana, conforme o relato de Angelou, alardeava-se que as antigas cidades de Acra e Sekondi atestavam o comércio com os europeus no século XV. Quando a autora imaginava um de seus antepassados comercializando, pescando e vivendo naquela região, vem à baila a dolorosa advertência de que nem todos os africanos escravizados foram roubados, tampouco todos os que exerciam o tráfico de escravos eram europeus. Aterrorizada por pensamentos que supunham que aqueles ganenses eram descendentes de famílias que traficaram escravos, cuja riqueza fora obtida à custa da venda de seus ascendentes, Angelou convivia com a suspeita da possível fraqueza e ingenuidade de seus ancestrais, que teriam sido suplantados por tribos mais fortes e hábeis. Com isso, ela se via forçada a considerar que seus predecessores teriam feito o mesmo, caso encontrassem tribos em condições mais vulneráveis

²⁹ “You silly ass, you can take a flying leap and go straight to hell.” Idem.

³⁰ “American Negroes are always crude.” Idem.

³¹ “I would not admit that if I couldn’t be comfortable in Africa, I had no place else to go.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 915.

que as deles. O resultado da incursão a este possível passado é um sentimento de repulsa: “Não pude decidir o que seria mais terrível; ser descendente de tirânicos ou ser descendente de tontos”.³²

A transposição entre momentos históricos diferentes faz parte das tentativas de reconstituir a trajetória identitária de um sujeito diaspórico, cujos vínculos familiares de origem foram rompidos. O horror causado pela reconstituição imaginária de sua história familiar manifesta os desastres do projeto colonialista europeu, à força do qual a África passou a produzir mão de obra escrava, formada por homens e mulheres que foram relegados à condição de órfãos. À luz da história do colonialismo, quem carrega as marcas das barbaridades desse processo até os dias de hoje são “os desconhecidos órfãos da África”,³³ como nota Angelou. Em que pesem a desonra de sua cultura bem como a exploração política e cultural sofridas pelos africanos que permaneceram no continente pelo poder do colonialismo, seus sacerdotes e líderes tribais atestam séculos de continuidade e o menor deles é capaz de identificar o nome de seus mais longínquos ancestrais e falar de uma terra a qual seu povo habita há anos. A inocência fundamental retida pelos africanos contrasta com a maturidade que o contexto do Novo Mundo exigiu dos sujeitos negros diaspóricos, o que, no julgamento de Angelou, inviabilizaria seu retorno à África:

Eu duvidei se eu, ou qualquer negro da diáspora, poderia realmente retornar à África. Usamos esqueletos de antigo desespero como colares, que anunciaram a nossa chegada, e fomos estigmatizados com cinismo. Na América, dançávamos, ríamos, procriávamos; tornávamo-nos advogados, juízes, legisladores, professores, médicos e pregadores, mas como sempre, sob as nossas fantasias gloriosas, carregávamos o emblema de uma história bárbara costurado em nossas peles escuras. Diziam com frequência que os negros eram infantis, mas na América,

³² “I couldn’t decide what would be the most appalling; to be descended from bullies or to be a descendant of dupes.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 924.

³³ “nameless orphans of Africa”. ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 946.

háviamos amadurecido sem nunca experimentarmos o verdadeiro abandono da adolescência.³⁴

Em sua própria jornada em Gana, Angelou viveu uma experiência com africanos locais que lhe fez rever seu processo de aceitação na África. Dirigindo rumo a Dunkwa, ela se convence de que sua cor de pele e suas roupas ganenses a fariam passar por uma mulher daquele país, se ela não falasse muito. No caminho, ao se aproximar de fortalezas onde outrora ficaram aprisionados africanos escravizados, ela chora e tenta reviver o drama de seus antepassados. Permitindo que formas viessem à tona, a autora imagina o horror do processo de escravização: “as crianças passavam amarradas por cordas e correntes, humilhadas em lágrimas, tropeçando em exaustão maçante, então as mulheres, com cabelo despenteado, corpos friccionados com areia, e prostradas em derrota”.³⁵ Aos seus ouvidos, não chega lamentação: “Viviam em um território mudo, mortos para o sentimento e o protesto”.³⁶ A imagem de legiões de pessoas vendidas por seus próprios parentes e compradas por estranhos figura um trauma histórico: “[Foram] escravizados pelos gananciosos e traídos pela história”.³⁷ Angelou se vê sentada em um auditório ao ar livre, assistindo a uma tragédia.

Chegando ao seu destino, após não encontrar um hotel, Angelou se aproxima de uma mulher com o intuito de obter auxílio. Ela é levada a um membro do conselho da vila, *the old man*, Kobina Artey. Esse ancião se engaja em descobrir a origem africana da hóspede e afirma que ela é uma bambara da Libéria. Incapaz de desmenti-lo, Angelou se

³⁴ “I doubted if I, or any Black from the diaspora, could really return to Africa. We wore skeletons of old despair like necklaces, heralding our arrival, and we were branded with cynicism. In America we danced, laughed, procreated; we became lawyers, judges, legislators, teachers, doctors, and preachers, but as always, under our glorious costumes we carried the badge of a barbarous history sewn to our dark skins. It had often been said that Black people were childish, but in America we had matured without ever experiencing the true abandon of adolescence.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 947.

³⁵ “children passed tied together by ropes and chains, tears abashed, stumbling in dull exhaustion, then women, hair uncombed, bodies gritted with sand, and sagging in defeat.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 963-964.

³⁶ “They lived in a mute territory, dead to feeling and protest.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 964.

³⁷ “[They were] enslaved by the greedy and betrayed by history.” Idem.

sente pela primeira vez aceita como africana. A acomodação de uma noite naquele ambiente permitiu a formulação de comparações entre os hábitos africanos e os costumes da comunidade negra na cidade em que viveu sua infância, Stamps, Arkansas. Na volta para Acra, antes de ser novamente assombrada pelos fantasmas da escravidão, Angelou carregava uma mensagem de redenção a seus antepassados:

Afinal, em Dunkwa, embora eu deixasse uma mentira falar por mim, eu havia provado que um dos seus descendentes, pelo menos um, poderia apenas brevemente retornar à África, e que apesar de traições cruéis, viagens oceânicas amargas e séculos dolorosos, ainda éramos reconhecíveis.³⁸

Angelou revela a complexidade de sua identidade como narradora, observadora e criadora. Ela narra suas experiências pessoais em um continente cuja história é submetida ao crivo de suas impressões enquanto sujeito diaspórico. Ao mesmo tempo, vivendo a diáspora reversa, ela tem acesso a visões singulares de um passado que deixa de ser remoto para significar o presente. Neste movimento mítico, que busca explicações para sua condição atual em um passado ancestral de memórias destruídas, ela é criadora de um espaço no qual sua africanidade enfim encontraria sentido.

Na busca por um lar na África, Angelou se descobriu uma estadunidense de herança africana: “Muitos de nós só começaram a perceber na África que as Estrelas e Listras eram nossa bandeira e a nossa única bandeira, e que este conhecimento era quase doloroso demais para suportar”.³⁹ Contudo, ser uma estadunidense negra (*Black American*) traz implicações que africanos desconhecem. Trata-se de “uma característica única não-africana” (*a most un-African trait*): “estávamos prontos e dispostos a lutar”.⁴⁰ A belicosidade dos afro-americanos é

³⁸ “After all, in Dunkwa, although I let a lie speak for me, I had proved that one of their descendants, at least one, could just briefly return to Africa, and that despite cruel betrayals, bitter ocean voyages and hurtful centuries, we were still recognizable.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 969.

³⁹ “Many of us had only begun to realize in Africa that the Stars and Stripes was our flag and our only flag, and that knowledge was almost too painful to bear.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 987.

⁴⁰ “We were ready and willing to fight.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 1011.

fruto de séculos de opressão perpetrada pelos brancos. Em Gana, em uma visita de Malcom X, Angelou ouvira diretamente do líder negro que o racismo americano é como uma montanha que deve ser dividida do topo à base e aberta como uma porta: “Estes são os estratos da vida americana e estamos sendo atacados em cada um deles. Precisamos de pessoas em cada nível para lutar nossa batalha”.⁴¹ O apelo de Malcom X aos afro-americanos em Gana para retornarem aos Estados Unidos sensibilizou Angelou.

Em seus últimos dias na África, ela chorou, desta vez, de alegria, pois apesar de toda violência sofrida pelos negros em terras estadunidenses, eles sobreviveram. A ousadia da sobrevivência era motivo de celebração em solo africano, pois humilhações, linchamentos, crueldades e opressões não foram capazes de erradicá-los da terra. A luta pela vida de modo criativo é o maior legado daqueles que enfrentaram o desespero, o deslocamento e a morte para, em meio a tudo isso, ousar ter esperança. Na poética de sua narrativa, Angelou oferece um novo relato histórico da África:

Muitos anos antes, eu, ou melhor, alguém muito parecido comigo e certamente aparentado comigo, havia sido tirado da África à força. Esta segunda despedida não seria tão onerosa, pois agora eu sabia que o meu povo nunca deixara a África completamente. Nós havíamos cantado o continente em nossos *blues*, bradando-o em nosso evangelho e dançando-o em nossos estilos. Quando o levamos para Filadélfia, Boston e Birmingham, nós mudamos sua cor, modificamos seus ritmos, mas era a África que cavalgava nas protuberâncias das nossas altas panturrilhas, balançava em nossos ressaltados glúteos e crepitava nas nossas gargalhadas abertas.⁴²

⁴¹ “These are the strata of American life and we are being attacked on each one. We need people on each level to fight our battle.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 1001.

⁴² “Many years earlier I, or rather someone very like me and certainly related to me, had been taken from Africa by force. This second leave-taking would not be so onerous, for now I knew my people had never completely left Africa. We had sung it in our blues, shouted it in our gospel and danced the continent in our breakdowns. As we carried it to Philadelphia, Boston and Birmingham we had changed its color, modified its rhythm, yet it was Africa which rode in the bulges of our high calves, shook in our protruding

Reconta-se a história da África a partir da experiência diaspórica de sujeitos negros no Novo Mundo. Mesmo que as cores tenham sido mudadas e os ritmos tenham sido modificados, essa África retraduzida culturalmente continua a ser cantada, gritada e dançada nos ambientes culturais de vivência dos afro-americanos. Assim, os poetas negros – pregadores, músicos, cantores de *blues* – sobrevivem e recontam a história da África desde os tempos da escravidão. Se, desde o tráfico de escravos, a arte africana cantada e dançada atravessou os mares,⁴³ a sobrevivência cultural por meio de hibridismos e outras estratégias esteve sempre ligada à guerra pela própria sobrevivência dos sujeitos negros cuja liberdade fora cerceada no processo do colonialismo. A arte de origem africana registra, pois, a história de um povo em luta.

Considerações finais

O relato de Maya Angelou sobre sua jornada em Gana ressignifica a África como mito formador de identidades afrodescendentes. A narrativa mítica do retorno ao lar africano possibilita a criação de lugares significativos com material recuperado de sua própria memória, a qual reverbera sua vivência enquanto mulher negra nos Estados Unidos. Embora a descrição inicial da paisagem africana possa ser considerada como “romântica”,⁴⁴ a narrativa de retorno ao lar reconta uma história com implicações de cunho bem mais coletivo do que individual. A jornada de Angelou testemunha não apenas a sobrevivência de negros no Novo Mundo, apesar de seu sofrimento, mas também a completude de um ciclo mítico, pois culturas diaspóricas de origem africana preservaram narrativas da África em formas de dupla consciência.⁴⁵

A escrita em prosa de Angelou carrega um traço poético que lhe permite recriar a própria vida. O que distingue seu talento é sua capacidade de evocar “uma vida vivida com intensidade, honestidade,

behinds and crackled in our wide open laughter.” ANGELOU. *All God's children need traveling shoes*, p. 1051.

⁴³ THOMPSON. *Flash of the spirit*, p. ix.

⁴⁴ SMITHERS. *Challenging a Pan-African identity: the autobiographical writings of Maya Angelou, Barack Obama, and Caryl Phillips*.

⁴⁵ GILROY. *The black Atlantic*.

e uma combinação notável de inocência e conhecimento”.⁴⁶ A partir do signo África, a autora cria lugares reais ou ilusórios (*real places or even illusory places*), realçando a verossimilhança de sua obra, produzida com cuidadosa sintonia entre “as experiências que a inspiraram, sejam factuais, sejam imaginativas”.⁴⁷

Entretanto, a criação autobiográfica de Angelou retrata o sofrimento como parte de sua vivência. O tema da luta e persistência contra as piores adversidades fazem parte não apenas de uma tradição autobiográfica negra, proveniente da forma conhecida como *slave narratives*,⁴⁸ mas também remonta a um *etos* enraizado na experiência estadunidense.⁴⁹ Justifica-se, portanto, sua disposição para revisitar momentos de horror da história da África, evitando, assim, o erro (*hamartia*) da ignorância. Este conhecimento profundo de si na releitura da tragédia africana se alcança de modo catártico: “por um longo tempo, sentei-me como em um auditório ao ar livre assistindo a um bando de atores trágicos entrarem e saírem do palco”.⁵⁰ Após a tensão, vem o senso de alívio: “as visões desapareceram quando minhas lágrimas cessaram.”⁵¹

Como narradora, observadora e criadora, a autora escreve episódios e cenas que revelam a complexidade de sua identidade enquanto sujeito diaspórico, vivendo uma diáspora reversa em Gana. Angelou, a protagonista, trafega por interstícios contextuais, abertos em situações culturais diaspóricas, seja nos Estados Unidos, seja na África. Homi Bhabha⁵² identifica os espaços de articulação de diferenças culturais como “entre-lugares”, nos quais há negociação de experiências intersubjetivas e coletivas bem como de valores culturais.

As experiências de Angelou nos “entre-lugares” africanos fazem parte do legado cultural do discurso afro-americano acerca da África, contribuindo para a formação da identidade diaspórica negra. A

⁴⁶ “a life lived with intensity, honesty, and a remarkable combination of innocence and knowledge.” MCPHERSON. *Order out of chaos*, p. 8-9.

⁴⁷ “the experiences that inspired it, both factual and imaginative”. MCPHERSON. *Order out of chaos*, p. 9.

⁴⁸ SAUNDERS. *Breaking out of the cage*.

⁴⁹ SMITHERS. *Challenging a Pan-African Identity*.

⁵⁰ “For a long time, I sat as in an open-air auditorium watching a troop of tragic players enter and exit the stage.” ANGELOU. *All God’s children need traveling shoes*, p. 964.

⁵¹ “The visions faded as my tears ceased.” Idem.

⁵² BHABHA. *O local da cultura*, p. 20.

contribuição da autora se junta a um grupo que inclui nomes como W. E. B. Du Bois, Langston Hughes, Malcom X e Alice Walker.⁵³ Com efeito, após redescobrir sua orfandade em terras ganenses, Angelou está pronta para viver sua segunda despedida da terra de seus ancestrais, cumprindo parte da “missão” de sua narrativa (*narrative mission*) de levar consigo histórias africanas.⁵⁴ Ao horizonte, do lado de lá do Atlântico, avistam-se imagens da África, desta vez, ressignificadas na vida e arte negras.

Referências

ANGELOU, Maya. *The complete collected poems of Maya Angelou*. Nova York: Random House, 1994.

ANGELOU, Maya. *All God's children need traveling shoes*. In: _____. *The collected autobiographies of Maya Angelou*. Nova York: The Modern Library, 2004 [1986]. p. 881-1052.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ELLIOT, Jeffrey M. (Ed.). *Conversations with Maya Angelou*. Jackson e Londres: University Press of Mississippi, 1989.

GILROY, Paul. *The black Atlantic: modernity and double consciousness*. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

GOBRY, Ivan. *Vocabulário Grego da Filosofia*. Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GOMES. “Visíveis e invisíveis grades”: vozes de mulheres na escrita afrodescendente contemporânea. *Caderno Espaço Feminino*. Uberlândia: EDUFU, v. 12, n. 15, p. 13-26, 2004.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

⁵³ MCLAREN. Alice Walker and the legacy of African American discourse on Africa, p. 525.

⁵⁴ LUPTON. *Maya Angelou: A critical companion*, p. 163.

KIERKEGAARD. *O conceito de ironia*: constantemente referido a Sócrates. Trad. Álvaro Luiz Montenegro Valls. 3. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2006.

LUPTON, Mary Jane. *Maya Angelou: a critical companion*. Westport: Greenwood Press, 1998.

MCLAREN, Joseph. Alice Walker and the legacy of African American discourse on Africa. In: OKPEWHO, Isidore; DAVIES, Carole Boyce; MAZRUI, Ali A. (Ed.). *The African diaspora: African origins and new world identities*. Bloomington: Indiana University Press, 2001. p. 525-537.

MCPHERSON, Dolly A. *Order out of chaos: the autobiographical works of Maya Angelou*. Nova York: Peter Lang, 1990.

PREZIOSI, Donald (Ed.). *The art of art history: a critical anthology*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas – Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SAUNDERS, James Robert. Breaking out of the cage: the autobiographical writings of Maya Angelou. In: BLOOM, Harold (Ed.). *Maya Angelou*. Nova York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 3-15.

SMITHERS, Gregory D. Challenging a Pan-African identity: the autobiographical writings of Maya Angelou, Barack Obama, and Caryl Phillips. *Journal of American Studies*, Cambridge University Press, p. 1-20, 2011.

THOMPSON, Robert Faris. *Flash of the Spirit: African & Afro-American Art & Philosophy*. Nova York: Random House, 1984.

THURSBY, Jacqueline S. *Critical companion to Maya Angelou: a literary reference to her life and work*. Nova York: Facts On File, 2011.

TRAYLOR, Eleanor W. Maya Angelou writing life, inventing literary genre. In: BLOOM, Harold (Ed.). *Maya Angelou*. Nova York: Bloom's Literary Criticism, 2009. p. 91-105.

WALL, Cheryl A. Maya Angelou. In: GATES, Jr., Henry Louis; SMITH, Valerie A. (Ed.). *The Norton anthology of African American literature*. 3. ed. New York: Norton, 2014. p. 944-957.